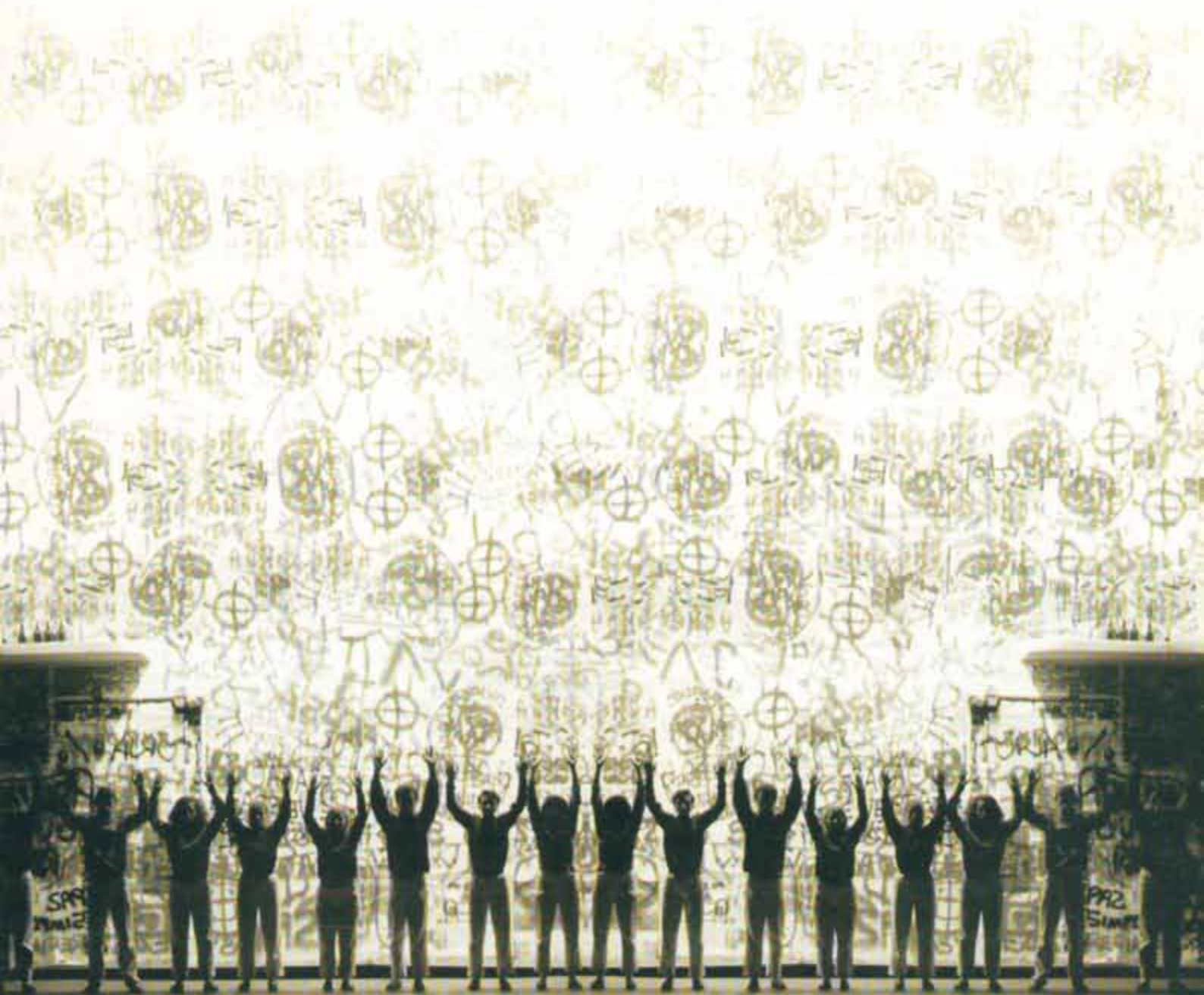


TUSP
MARIANTONIA

TEATRO BRASILEIRO - 1968/1998: **30 ENCONTROS**

MÓDULO I: Nacionalismo, Política, Cultura Popular





UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR

Prof. Dr. Jacques Marcovitch

VICE-REITOR

Adolpho José Melfi

**PRÓ-REITOR DE CULTURA
E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu



**COORDENADOR PRÓ-TEMPORE DO
CENTRO UNIVERSITÁRIO MARIA ANTONIA**

Eduardo Alves



**DIRETOR DO TUSP -
TEATRO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Abílio Tavares

“...E vieram *Gimba*, *Eles não usam Black-tie*, *A Semente*. O Grêmio apinhado: Gianfrancesco Guarnieri debate a última peça. “É isso mesmo”, declara convicta a estudante de longos cabelos flamejantes, “aquela mulher só conhece o amor pequeno-burgês, pegajoso, contra-revolucionário”. Pronta e zangada, a réplica de um professor: “Que bobagem é essa de amor pequeno-burguês? Qual o amor que não é pegajoso? Que tolice é essa de amor contra-revolucionário?” “O que era o amor? Extasiados, víamos sessões seguidas de *Hiroshima, mon Amour*. *Nouvelle vague*. Cinema italiano - *La Dolce Vita* é um filme cristão”. “Não é, não.” “Ora, o que você pensa que é o peixe no final do filme?” Kurosawa. Cinema novo. Na Bienal, em companhia de Vlado Herzog, reverentes, acompanhávamos a projeção de *Outubro* e de *O Encouraçado Potenkin*. Depois viriam *Oito e Meio* e *O Ano Passado em Mariemba*. O Arena inventava o sistema do coringa. O Oficina encenava *Os Pequenos Burgueses*. Um dia, que nem sonhávamos possível, pois contrariava a marcha da história, uma outra marcha nos faria ver *Terra em Transe*, nós que havíamos visto *Rio 40 Graus*...O TUCA ganharia o prêmio do Festival de Nancy com *Morte e Vida Severina* e, alguns anos depois, no tecido de uma outra história impossível, o TUSP arrancaria aplausos, no mesmo lugar, com os *Fuzis da Senhora Carrar*, dirigido por Flávio Império, atores seus indo protagonizar *Os Herdeiros* de um mundo que não viria...”

MARILENA CHAUI

(Extraído do texto *Um Lugar Chamado Maria Antônia*)

A Universidade de São Paulo vem desempenhando com perseverança um dos seus mais importantes papéis: o de promover a difusão cultural. Buscando exercê-lo de forma eficaz, nossa meta é ampliar cada vez mais a integração entre a USP e a comunidade externa. Nessa aproximação as diferenças culturais devem ser entendidas como diversidade e não como desigualdade, respeitando-se assim os valores humanos. Refletir sobre a cultura é parte integrante dessa meta e um grande desafio para a Universidade.

O projeto **TUSP – Maria Antônia 68-98** e sua principal atividade, a série **Teatro Brasileiro 1968/1998: 30 Encontros**, é um feliz exemplo do cumprimento dessa meta. Com o objetivo de repensar a criação teatral das três últimas décadas, o projeto vai além da simples revisão crítica do fazer teatral desse período. Pela dimensão e ousadia conceitual dos temas que aborda, o evento promove, em sua essência, uma revisão crítica da cultura brasileira dos últimos 30 anos, através de uma de suas manifestações mais ricas: o teatro.

Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu
Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

Teatro Brasileiro 1968-1998: 30 encontros

A série "Teatro Brasileiro 1968-1998: 30 encontros", pretende discutir a criação teatral das três décadas e sua inserção na cultura brasileira. O objetivo é refletir sobre os últimos trinta anos do teatro brasileiro a partir de alguns paradigmas que orientam essa criação, compondo linhas culturais e estéticas dominantes.

No período 68/98 a produção e o pensamento do teatro brasileiro foram marcados pela discussão de questões centrais para a definição de sua identidade. Ao longo desses trinta anos pode-se observar um processo de busca de raízes brasileiras e de ênfase na participação política do teatro que se alterna e se mistura a propostas ligadas à pesquisa de linguagem cênica, onde a investigação formal e a relação com as experiências internacionais são mais evidentes.

Pensando na persistência dessas preocupações, concluímos que a identidade e a alteridade, o brasileiro e o internacional, a consciência histórica e a pesquisa formal, são focos permanentes de discussão nas três décadas de teatro que se pretende rever, ainda que essa discussão assuma formas variadas de acordo com o momento.

A par disso, temos durante o período a afirmação do profissionalismo e a manutenção de um teatro de qualidade. Nas três décadas, o trabalhador de teatro mantém a duras penas seu *métier*, tentando sobreviver em um mercado competitivo.

Para dar conta da temática proposta, a série de encontros foi dividida em três módulos organizados a partir de conjuntos de temas escolhidos para olhar o período:

Módulo I : Nacionalismo, Política e Cultura Popular

Módulo II : Internacionalismo, Poética e Interculturalismo

Módulo III : Profissionalismo, Técnica e Cultura das Mídias

Para garantir a representatividade do evento e a revisão crítica do período, os encontros procuram reunir diretores, atores, dramaturgos, cenógrafos e produtores que participaram de forma efetiva na criação das tendências, e são coordenadas por críticos e pesquisadores dos temas em discussão.

Na medida do possível, tentamos compor os encontros com profissionais de gerações diferentes, que pudessem refletir sobre o tema da forma como ele se apresentou nas diversas fases. Quando isso não foi possível, tentamos organizar mesas que garantem a continuidade cronológica de uma tendência, com as inevitáveis modificações.

No segundo e no último encontro de cada módulo há uma atividade prática intitulada por **Exercício de Cena** que será realizado por um ou mais artistas que, de certa forma, apontam em seu trabalho algumas das tendências discutidas ao longo do módulo.

Sílvia Fernandes
Coordenadora da Série de Encontros

"...Não contei quase nada da Maria Antônia viva. Difícil contar. A cada minuto uma emoção nova, uma aula iluminada, uma surpresa trágica. E todo o tempo o diálogo, a discussão, a esperança - ainda que absurda, ainda que infantil. O saguão da faculdade - já famoso pelos debates de sempre, mesmo e sobretudo antes de 64 - era uma central de informações. Havia quem lesse Proust no meio da tempestade. Havia quem ensaiasse, ali mesmo, uma cena para o TUSP..."

Consuelo de Castro

68 é um marco na história deste lendário prédio da antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, hoje transformado em CENTRO UNIVERSITÁRIO MARIA ANTÔNIA.

68 é o ano do último espetáculo montado pelo TUSP – Teatro dos Universitários, hoje transformado em Teatro da Universidade de São Paulo.

Em 98 o CENTRO UNIVERSITÁRIO e o TUSP estão juntos, no mesmo prédio, mesmo endereço: Rua Maria Antônia, 294.

Em 98, o TUSP apresenta, com seu grupo de teatro universitário, **PROVA DE FOGO**, espetáculo que estreou em outubro de 97 e que tem como personagens os estudantes da Faculdade de Filosofia da Rua Maria Antônia, em 1968.

Em 68, Consuelo de Castro, autora da peça, tinha 22 anos, estudava Ciências Sociais na Maria Antônia, militava no movimento estudantil, enfrentava a repressão e, no calor da hora, escrevia sua primeira peça: **PROVA DE FOGO**, uma história de juventude, violência, solidariedade e paixão.

Em 68, o TUSP estreava **OS FUZIS DA SENHORA CARRAR**, de Bertold Brecht, com direção, cenários e figurinos de Flávio Império, e lia **Prova de Fogo**. A peça acabava de ser escrita e o grupo pensava em montá-la, mas a censura era mais rápida e proibiu imediatamente o texto.

Por essas e por outras, o TUSP realiza, neste ano, o projeto 68-98 que é composto de várias atividades: As temporadas de **Prova de Fogo**; O novo espetáculo que estréia em outubro e cujo texto está sendo construído durante o processo de montagem por um jovem e talentoso dramaturgo que, como Consuelo de Castro em 68, tem em 98 vinte e poucos anos; Durante o ano vários workshops. O primeiro deles com Augusto Boal (01 a 05 de maio), que depois de muitos anos e após ter sua obra e método difundidos por mais de 50 países, volta à cidade com seu Teatro de Arena para um trabalho prático.

Agora, de maio a dezembro, a séria **TEATRO BRASILEIRO 1968/1998: 30 ENCONTROS**. Em 30 noites, 30 quartas feiras, a reunião de artistas, pesquisadores e críticos para discutir conceitos, poéticas, estéticas que estiveram e/ou estão presentes, emergentes, ou temporariamente submersas, na cena brasileira, no decorrer desses 30 anos. Cerca de 120 pessoas debatendo ao longo do ano, às quais se juntará o público.

Que este novo e antigo espaço hoje recuperado – TUSP e MARIA ANTÔNIA – seguindo seu espírito e vocação, seja, no presente, um cenário ideal para a prática e para a reflexão, um espaço de verdadeiro encontro entre aqueles que se dedicam a construir, através do tempo, a cena e a cultura brasileira.

*Abílio Tavares
Diretor do TUSP*

"... assim, nos últimos anos, a etapa de desenvolvimento dos textos musicais vem sendo alternada com a de 'nacionalização' dos clássicos universais. Esta última baseia-se no pressuposto de que nenhuma peça pode ser considerada 'universal', a menos que se prove eminentemente brasileira."

Augusto Boal, 1966

NACIONALISMO E POLÍTICA

O objetivo da mesa é discutir a tendência de abasileiramento e engajamento político de nosso palco, que teve início com o Teatro de Arena de São Paulo, através do Seminário de Dramaturgia e da busca de um estilo de interpretação e encenação nacionais, e continuou até o exílio de Augusto Boal em 1971, influenciando vários criadores do teatro brasileiro do período.

Sábato Magaldi (Coordenação)

Crítico teatral de vários jornais e revistas, professor titular de Teatro Brasileiro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, professor nas Universidades de Paris III (*Sorbonne Nouvelle*) e de Provence, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de vários livros, entre os quais **Um palco brasileiro: o Arena de São Paulo** (Brasiliense, 1984), **Panorama do Teatro Brasileiro** (3ª. ed. revista e ampliada, Global, 1998), **O cenário no avesso** (2ª. ed., Perspectiva, 1991), **Nélson Rodrigues: dramaturgia e encenações** (2ª. ed., Perspectiva, 1992), **O texto no teatro** (Perspectiva, 1989), **Iniciação ao teatro** (6ª. ed., Ática, 1997).

Augusto Boal

Diretor do Teatro de Arena de São Paulo de 1956 a 1970, autor de textos fundamentais como **Revolução na América do Sul** (1960), **José do Parto à sepultura** (1961), **Arena conta Zumbi** (1965) e **Arena conta Tiradentes** (1967), ambos com Gianfrancesco Guarnieri. Criador de técnicas teatrais que objetivam transformar o espectador em agente da ação dramática, como o "teatro do oprimido" e, mais recentemente, o método Boal de teatro e terapia. Criador do Centro de Estudo e Difusão de Técnicas Ativas de Expressão, em Paris (1980), e depois em outros países da Europa. Autor de vários livros, entre os quais **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas** (Ed. Civilização Brasileira, 1975), **Técnicas latino-americanas de teatro popular** (Ed. Hucitec, 1979), **200 Exercícios e Jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. Stop: c'est magique!** (Ed. Civilização Brasileira, 1980), **O arco-íris do desejo** (Ed. Civilização Brasileira, 1996).

Sérgio de Carvalho

Mestre em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da USP, crítico dos jornais **O Estado de S. Paulo**, **Folha de S. Paulo** e da revista **Bravo!**, editor da revista **Vintém** (Ed. Hucitec), professor do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, diretor dos espetáculos **Ensaio para Danton**, **Ensaio sobre o Latão e Santa Joana dos Matadouros** da Companhia do Latão com a qual ocupa atualmente o Teatro de Arena com o Projeto de Pesquisa em Teatro Dialético.

EXERCÍCIO DE CENA DIALÉTICA



Santa Joana dos Matadouros

A Companhia do Latão é um grupo de orientação brechtiana que desenvolveu por um ano no Teatro de Arena Eugênio Kusnet o projeto Pesquisa em Teatro Dialético, vencedor do Prêmio Flávio Rangel 97.

Em sua trajetória de trabalho produziu três espetáculos que constituem hoje seu repertório: *Ensaio para Danton*, de Georg Buechner, *Ensaio sobre o latão* e *Santa Joana dos Matadouros*, de Bertold Brecht. O grupo prepara para breve uma encenação com texto próprio inspirada em escritos de Goethe e de Gilberto Freyre intitulada *O nome do sujeito*.

No workshop Exercício da Cena Dialética a Companhia apresenta cenas e discutirá seu método de trabalho em três situações diferentes: a montagem adaptada de um texto clássico (*Ensaio para Danton*), a representação com base em observações de rua (*Ensaio sobre o latão*) e a discussão crítica de uma peça política (*Santa Joana dos Matadouros*).



Ensaio Sobre o Latão

Foto: Balthus Hochstetters

"É preciso restabelecer o teatro de autoria brasileira - não somente o teatro do dramaturgo brasileiro - o espetáculo do homem de teatro brasileiro. É preciso que finalmente e definitivamente nos curvemos à nossa força e à nossa originalidade".

Armando Costa,
Oduvaldo Vianna Filho
e Paulo Pontes, 1964.

O TEATRO E A CULTURA BRASILEIRA

O objetivo da mesa é discutir a relação entre o homem de teatro e a cultura brasileira, apontando intersecções entre a prática teatral e a teoria da cultura nas três últimas décadas.

Silvana Garcia (Coordenação)

Doutora em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da USP, autora dos livros **Teatro da Militância** (Ed. Perspectiva, 1990) e **As trombetas de Jericó** (Ed. Hucitec, 1997), professora de teoria e história do teatro na Escola de Arte Dramática da USP, membro do conselho editorial das revistas **Urdimento** e **Teatro al Sur**, dramaturg em montagens teatrais, membro do corpo de jurados do prêmio Shell.

João das Neves

Dramaturgo, ator e diretor de diversos espetáculos, ajudou a construir os principais momentos da história recente de nosso teatro, dirigindo no início dos anos 60 os Centros Populares de Cultura da UNE (os CPCs) e fundando o Grupo Opinião, no Rio de Janeiro, que se manteve em atividade durante dezesseis anos. O grupo estreia com o antológico show **Opinião**, que reúne Nara Leão, Zé Keti, Maria Bethânia e João do Vale no protesto contra a ditadura militar. Em 1976 estreia no Rio de Janeiro sua peça mais conhecida, **O Último Carro**, montagem do grupo Opinião que ficaria dois anos em cartaz, conquistando mais de vinte prêmios. Nos anos 80 dirige oficinas de trabalho no Acre, que resultam na criação do grupo Porongá e das peças **Tributo a Chico Mendes**, que estreou em 1989, no I Encontro Nacional dos Povos da Floresta, e **Caderno de Acontecimentos**, de 1990. Dirige em 1991, em Belo Horizonte, o espetáculo **Primeiras Estórias**, adaptação de onze contos do livro homônimo de João Guimarães Rosa, que recria com os formandos do 40.º ano do Curso de Artes Cênicas da Unicamp, em 1995. Em 1997 encena em Belo Horizonte o concerto cênico de Stravinski **A Estória do Soldado**.

Gabriel Villela

Diretor formado pelo Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP, diretor artístico do Teatro Glória, no Rio de Janeiro, ganhador de vários prêmios Mambembe, Shell, APCA, APTESP, Molière; dirigiu, entre outros trabalhos, **Você vai ver o que você vai ver**, de Raymond Queneau (1989), **Concílio do Amor** de Oscar Panizza (1989), **Relações Perigosas**, de Heiner Müller (1990), **Vem buscar-me que ainda sou teu**, de Carlos Alberto Soffredini (1990), **A vida é sonho**, de Calderón de la Barca (1991), **Romeu e Julieta**, de William Shakespeare, com o grupo Galpão (1992), **A guerra santa**, de Luís Alberto de Abreu (1993), **A falecida**, de Nelson Rodrigues (1994), **A rua da amargura**, adaptação de Arildo de Barros do texto de Eduardo Garrido "Mártir do Calvário" (1994), **Ventania**, de Alcides Nogueira (1999), **Mary Stuart**, de F. Schiller (1999), **Morte e Vida Severina**, de João Cabral de Melo Neto (1999).

MÓDULO I

Nacionalismo, Política, Cultura Popular

06/05

NACIONALISMO E POLÍTICA

Augusto Boal- Sábato Magaldi - Sérgio de Carvalho

13/05

EXERCÍCIO DE CENA DIALÉTICA

Cia do Latão

20/05

O TEATRO E A CULTURA BRASILEIRA

Gabriel Vilela - João das Neves - Silvana Garcia

27/05

O TEATRO ÉPICO NO BRASIL

Fernando Peixoto - Márcio Aurélio - Márcio Marciano

03/06

DRAMATURGIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Aderbal Freire Filho - Chico de Assis
Eduardo Tolentino - Maria Sílvia Betti

17/06

TEATRO E MILITÂNCIA

Mauro Falsetti - Celso Frateschi
Marcio Meirelles - Maria Lúcia Puppo

24/06

A CULTURA DO POPULAR NO TEATRO

Beti Rabbetti - Cesar Vieira
Luiz Carlos Vasconcelos - Plínio Marcos

01/07

A CULTURA DE GRUPO

Abílio Tavares - Amir Haddad - Carlos A. Sofredini
Chico Pelucio - Hugo Possolo

08/07

O ATOR BRASILEIRO

Eduardo Moreira - Maria Lúcia Pereira
Renato Borghi - Rosi Campos

15/07

EXERCÍCIO DE CENA POPULAR

Palhaço Xuxu - Luiz Carlos Vasconcelos

TEATRO BRASILEIRO - 1968/1998: 30 ENCONTROS

MÓDULO II

Internacionalismo, Poética,
Interculturalismo

22/07

Internacionalismo e Poética

29/07

Exercício de Cena

05/08

O Teatro e a Cultura
Brasileira: Tropicália

12/08

A Contracultura no Teatro
Brasileiro

19/08

Dramaturgia da Cena

26/08

Teatro: Radicalidade e
Transgressão

02/09

Teatro e Interculturalismo

09/09

Teatro e Globalização

16/09

O Ator na Encenação

23/09

Exercício de Cena

MÓDULO III

Profissionalismo, Técnica,
Cultura das Mídias

30/09

Profissionalismo e Técnica

07/10

Exercício de Cena

14/10

A Cultura do Teatro

21/10

A Tradição do Teatro
Brasileiro

28/10

Dramaturgia :
Diversidade

04/11

Teatro: Diversão e Ofício

11/11

Teatro e Cultura das
Mídias

18/11

Teatro e Mercado

25/11

A Técnica do Ator

02/12

Exercício de Cena

"...nosso teatro épico surgia com autenticidade, ligado ao ascenso da luta popular, mas não se contrapunha a nada de artisticamente ou ideologicamente forte. (...) Talvez se prenda a essa falta de adversário enraizado a qualidade literária em fim de contas modesta das peças nascidas de um movimento tão vivo, que deu encenações tão brilhantes. Há bastante que aprender sobre nós mesmos com a feição meio inventiva e meio rala tomada pelo teatro épico nestas bandas, feição ligada à diferença das sociedades e das ocasiões históricas."

Roberto Schwarz, 1996.

O TEATRO ÉPICO NO BRASIL

O objetivo da mesa é discutir o teatro épico a partir da encenação e recepção da obra de Brecht no Brasil, mas também em relação ao papel que desempenhou na renovação de nossa dramaturgia nos últimos trinta anos.

Fernando Peixoto (Coordenação)

Jornalista desde 1957; colaborador das revistas *Argumento e Civilização Brasileira*, e dos jornais *Opinião*, *Movimento* e *A Voz da Unidade*; tradutor de textos de Brecht, Gorki, Sade e Molière; ator de teatro, cinema e televisão; um dos diretores do Teatro Oficina; encenador de vários espetáculos, entre os quais *Tambores na noite*, *Dom Juan*, *Um grito parado no ar*, *Ponto de Partida*, *Calabar* e *Murro em ponta de faca*; autor de vários livros, entre eles *Brecht: vida e obra* (Ed. Paz e Terra), *Brecht: uma introdução ao teatro dialético* (Ed. Paz e Terra), *Büchner, a dramaturgia do terror* (Ed. Paz e Terra), *Teatro Oficina (1958-1982): trajetória de uma rebeldia cultural* (Ed. Brasiliense), *Teatro em pedaços* (Ed. Hucitec), *Teatro em Movimento* (Ed. Hucitec), *Teatro em questão* (Ed. Hucitec) e *Teatro fora do eixo* (Ed. Hucitec). Jurado do prêmio Casa de las Americas (1982), diretor do Instituto de Teatro da Fundacen (1985-1990), fundador e membro do conselho de direção da Escola Internacional de Teatro da América Latina e do Caribe (EITALC).

Márcio Marciano

Formado em Teoria Teatral pela Escola de Comunicações e Artes da USP, é Professor de Dramaturgia e Direção do INDAC (Instituto de Artes Cênicas e Ciências de São Paulo) e diretor, juntamente, com Sérgio de Carvalho, da Cia. do Latão. Trabalhou como diretor-assistente em montagens do Teatro do Ornitórrinco, como *O Doente Imaginário* e *Sonhos de uma Noite de Verão*. Criador do Núcleo de Pesquisa Teatral da Escola Técnica Federal de Goiás, em São Paulo escreveu e dirigiu o espetáculo *Contra-Luz* (1996).

Márcio Aurélio

Diretor, autor, doutor em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da USP, professor de interpretação e direção teatral, chefe do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp (1996-97), criou em 1990 a Companhia Razões Inversas, onde desenvolve trabalho de pesquisa de linguagem teatral. Sua estréia como autor aconteceu em 1988 com as peças *Há um trem dentro da noite* e *Vem, senta aqui ao meu lado e deixa o mundo girar ... jamais seremos tão jovens*. Dirigiu *Ubu Rei*, de Alfred Jarry, para a Rádio e Televisione Italiana (RAI), em 19, e assinou a direção de arte do programa..., da Rede Bandeirantes de Televisão, em 19. Ganhador de vários prêmios - APCA, Mambembe, Molière-, dirigiu diversos espetáculos, no Brasil e no exterior, entre os quais se destacam *A farsa da noiva bombardeada*, de Alcides Nogueira, *Lua de Cetim*, de Alcides Nogueira, *Édipo Rei*, de Sófocles, *Pássaro do Poente*, com o grupo Ponkã, *Hamletmachine*, de Heiner Müller, *Eras*, de Heiner Müller, *Ópera Joyce*, de Alcides Nogueira, *Senhorita Else*, de Arthur Schnitzler (1997) e *Maligno Baal, o associal*, de Brecht (1998).

"Não se trata mais de proselitismo, mas de provocação. Cada vez mais essa classe média que devora sabonetes e novelas estará mais petrificada e no teatro ela tem que degelar, na base da porrada. Com isso, depois desse golpe, uma coisa ganhou sentido. O sentido de fazer a arte pela arte. Nada com mais eficácia política do que a arte pela arte, porque a arte em si é um fenômeno de criação, de descompromisso com fórmulas feitas, é sentido de reivindicação e portanto de subversão."

José Celso Martinez Correa, 1968.

"O desprezo pela ação dramática em troca da ação ritual, da ação iniciatória, convocatória, é uma minimização grosseira das virtualidades da arte teatral. Inclusive, é estranho que ponderáveis setores da crítica que acusavam no ato de participação suas deformações 'panfletárias', 'mensageiras', etc., agora, diante do mesmo tipo de fenômeno - porém com outro tipo de conteúdo convocatório -, se caíem, ou antes, tenham entusiasmados louvores e promovam zumbaias enormes a esse teatro de nitido proselitismo."

Oduvaldo Vianna Filho, 1984.

DRAMATURGIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

O objetivo da mesa é discutir a dramaturgia que pretende estimular reflexões críticas e participar do movimento das forças históricas no país e está ligada à consciência política e histórica das três últimas décadas.

Maria Sílvia Betti (Coordenação)

Professora doutora do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, coordenadora do Núcleo de Estudos Teatrais do Centro Angel Rama, autora do livro **Oduvaldo Vianna Filho** (Edusp, 1997).

Eduardo Tolentino

Diretor de todos os espetáculos do grupo Tapa desde a criação em 1974. Entre as diversas montagens que realizou com o grupo, destacam-se **O Noviço**, de Martins Pena (1985); **Viúva, porém honesta**, de Nelson Rodrigues; **Mandrágora** (1988), de Maquiavel; **Senhor Proqueiral**, de Molière; **As Raposas do Café**, de Antonio Bivar e Celso Luiz Paulini (1990); **A Megera Domada**, de Shakespeare; **Vestido de Noiva**, de Nelson Rodrigues (1994); **Corpo a Corpo**, de Oduvaldo Vianna Filho (1995); **No Fundo do Lago Escuro**, de Domingos de Oliveira (1997) e **Ivanov**, de Tchecov (1998).

Aderbal Freire Filho

Professor do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Diretor do Teatro Carlos Gomes, de 1993 a 1996, dirige atualmente o Centro de Demolição e Construção do Espetáculo e o Teatro Ziembinski, da Rede Municipal de Teatros do Rio de Janeiro. Fundador da *Pequena Companhia Americana*, para a qual escreveu e dirigiu a peça **Xambudo** (1998). Membro do Conselho Científico da *Universit  de Teatro Fabrizio Crucianni* de Roma, membro do Conselho Assessor do *Festival Iberoamericano de Teatro de Cádiz*, Espanha. Dirigiu espetáculos em Montevideu, com a comédia Nacional del Uruguay e com o grupo El Galp n, em Buenos Aires e em Amsterdam. Seus últimos espetáculos são **O Tiro que Mudou a História**, em 199 (diretor, ator e autor, em parceria com Carlos Eduardo Novaes), **An nima**, de Wilson Sayão (1997), **Moli re**, de Mikhail Bulgakov (1997, Montevideu).

Chico de Assis

Dramaturgo, diretor e professor da Faculdade Armando  lvares Penteado e da Escola de Comunica es e Artes da USP, no final da década de 50 ingressou no Teatro de Arena de São Paulo, onde participou do Seminário de Dramaturgia e do laboratório de interpreta o. Em 1960 fez sua primeira assistência de dire o para José Renato Pécora, em **A revolu o na América do Sul**, de Augusto Boal.   um dos fundadores do Centro Popular de Cultura da UNE (CPC) de São Paulo, Santo André e da Bahia. Dedicado   pesquisa do teatro de cordel,   autor de mais de trinta peças, entre as quais se destacam **O testamento do cangaceiro**, **As aventuras de Ripi  Lacraia**, **Farsa do cangaceiro, truco e padre**, **Missa Leiga** e **A toca da raposa**, atualmente em cartaz em São Paulo.   fundador e coordenador do Seminário de Dramaturgia do Arena (SEMDA).

"Num primeiro momento, itinerávamos por diversos bairros e comunidades da periferia de São Paulo, apresentando peças e debatendo com o público local. Logo nos demos conta da fragilidade desse tipo de trabalho, uma vez que não conseguíamos aprofundar a relação com esse público.(...) Num segundo momento, passamos a nos fixar mais nos locais, apresentávamos a peça durante um ou dois meses e iniciávamos um trabalho teatral com pessoas daquela determinada região, visando a formação de grupos. Com esse tipo de trabalho, conseguimos analisar mais profundamente como o público via nossos espetáculos e, mais que isso, como eles elaboravam os seus."

Celso Frateschi, s.d..

TEATRO E MILITÂNCIA

O objetivo da mesa é discutir a prática teatral que adquire função social mais ampla, vinculando-se à atuação política e à militância em movimentos da sociedade civil organizada.

Maria Lúcia Pupo (Coordenação)

Professora livre-docente do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP, doutora em teatro pela Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle), autora do livro **No reino da desigualdade. Teatro infantil nos anos 70 em São Paulo** (Ed. Perspectiva, 1991), pesquisadora na área de teatro e educação, desenvolveu trabalho recente sobre teatro e narrativa no Marrocos.

Mauro Falseti

Diretor do Grupo de Teatro Monte Azul, é um dos fundadores do Centro Cultural Monte Azul, recebeu o Prêmio Coca-Cola de Teatro Jovem na Categoria Especial Edição 98, é integrante do Curso da Escola Internacional de Teatro Latino-Americana em Bolonha, participou do Encontro de Teatro Popular Latino-Americano no Equador (1988), no Chile (1989) e no Paraguai (1990).

Celso Frateschi

Ator, diretor, autor e professor. Iniciou sua carreira no Teatro de Arena de São Paulo em 1970, atuou no Teatro São Pedro de 1972 à 1974. A partir de 1974 coordenou, dirigiu e atuou com o **Teatro Núcleo** na Zona Leste de São Paulo. Em 1984 interpretou **Hamlet**, de Shakespeare, com direção de Márcio Aurélio. Recebeu o prêmio Mambembe em 1978 pelo espetáculo **Os Imigrantes**, do grupo Núcleo, o Prêmio Shell de 1988 por sua atuação em **Eras**, de Heiner Müller e o Prêmio Apetesp de 1996 por sua atuação em **Do Amor de Dante Por Beatriz**, com texto e direção de Elias Andreatto. Dirigiu e atuou em **Áulis de Eurípedes** e em **As Guerreiras do Amor**, adaptação de Domingos de Oliveira da comédia grega de Aristófanes. É professor de interpretação da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo desde 1980. Atualmente ensaia **Da Gaiivota**, baseada em A. Tchecov, com direção de Daniela Thomas. É atualmente Secretário de Cultura, Esporte e Lazer do município de Santo André, cargo que exerceu pela primeira vez de 1989 a 1992.

Márcio Meirelles

Diretor, cenógrafo e figurinista, atualmente é diretor artístico do Teatro Vila Velha de Salvador, onde trabalha com o Bando de Teatro Olodum, que criou em 1990 com Chica Carelli, e com quem realizou os espetáculos **Woyseck**, **Ó pa i ó**, **Cabaré da raça** e **Medeamaterial**. Fundador do grupo **Avelãz y Avestruz** (1976-1989), criou o "Projeto Teatro" para a Fundação Gregório de Mattos, em 1986, e dirigiu o Teatro Castro Alves, de 1987 a 1991. Em 1995 dirigiu **Zumbi** em Londres, com o Black Theatre Co-op no London Festival of Theatre. Foi co-diretor, com Werner Herzog, do espetáculo **O Sonho de Uma Noite de Verão** (1992), criador e diretor do espaço Cultural "A Fábrica" (1982) e diretor do Teatro Castro Alves de Salvador (1987-1991).

"É claro que, no nosso caso, sob pena de cairmos nos artificialismos da idolatria do 'popular', essas histórias e mitos do Romanceiro são apenas um material bruto, que teremos de recriar na medida da força criadora de cada um de nós, dando-lhe um sentido mais amplo e mais capaz de universalização, um sentido ao mesmo tempo ligado e contraposto à significação do mundo e da vida."

Ariano Suassuna

A CULTURA DO POPULAR NO TEATRO

O objetivo da mesa é discutir os lugares ocupados pelo "popular" no teatro brasileiro das últimas décadas. Isto significa indagar os sentidos preponderantes atribuídos ao popular através de algumas práticas cênicas, como formação de grupos, dramaturgia e trabalho do ator. Nessa direção, talvez seja possível questionar em que medida o teatro brasileiro contemporâneo construiu sua "cultura do popular", uma teatralização do "popular" no Brasil.

Beti Rabetti (Coordenação)

Professora doutora do Departamento de Teoria da Escola de Teatro da Uni-Rio, pesquisadora associada do CNPq, dramaturga em montagens teatrais, consultora técnica e artística em projetos de pós-graduação e grupos de pesquisa teatral, criadora do Grupo de Pesquisas em Artes Cênicas da FUNREI (São João del-Rei), tradutora, ensaísta, organizadora e coordenadora do **Caderno de Pesquisa Teatral 3, Ensaios**, "Um estudo sobre o cômico: o teatro popular no Brasil entre ritos e festas" (Uni-Rio, 1997), membro do corpo de jurados do prêmio Shell, membro do conselho editorial das revistas **Percevejo** e **Urdimento**, membro do conselho científico e artístico do Lume - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp.

Plínio Marcos

Jornalista, ator, escritor e dramaturgo começou carreira em Santos como o palhaço Frácula do Pavilhão Teatro Liberdade. Em 1957, aos 22 anos, escreveu sua primeira peça, **Barrela**. Escreveu ainda **Enquanto os navios Atracam** e **Os Fantoques**, **Jornada de um imbecil até o entendimento** (montada em 1968 pelo Grupo Opinião da Rio de Janeiro), **Reportagem de um tempo mau**, **Quando as máquinas param**, **Dois perdidos numa noite suja**, **Navalha na carne**. Para a televisão escreveu **Réquiem de tamborim**, **História de subúrbio**, **A noite do desespero**, e para o cinema, os roteiros **Nenê Bandalho**, **Rainha Diaba** e **Nas quebradas do mundaréu**.

Cesar Vieira

Advogado e diretor teatral, criador do grupo de **Teatro Popular União e Olho Vivo (TUOV)** em 1966, no Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP. Juntamente com o grupo, criou os espetáculos **Corinthians, meu amor** (1967), **O Evangelho segundo Zebedeu** (1968), **Rei Momo** (1973), **Bumba meu Queixada** (1978), **América nossa América** (1983), **Morte aos brancos - a lenda de Sepé Tiarajú** (1984), **Barbosinha Futebol Crubi - uma estória de Adonirans** (1991), **Os Juãos e os Magalis** (1996). Ganhador de vários prêmios, entre os quais o APCA (1971, 1973), o Mambembe (1980, 1997), o da Casa de las Américas de Havana (1985), o Ollantay, do CELCIT (1985), e o Wladimir Herzog, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Junto ao TUOV, participou de vários festivais internacionais de teatro, em Nancy (1971), em Wrocław (1973), em Havana (1978), em Lisboa (1981), em Córdoba (1984) e no Cairo (1996).

Luiz Carlos Vasconcelos

Ator e diretor, funda a Escola Piollin da Paraíba em 1977, que dirige de 1977 a 1984 e de 1996 a 1997. Diretor dos espetáculos **Vau da Sarapalha** (1992), **Os Pirralhos** (1978), **Palhaço Xuxu** (que também interpreta, com apresentações desde 1978), **O Aborto** (1977) e **O Asilo** (1975). Participou como ator dos espetáculos **Mattogrosso** (de Gerald Thomas e Philip Glass, 1989), **O Ouro das estrelas** (Grupo Feliz meu bem, do Rio de Janeiro) e dos espetáculos da **Intrépida Trupe**, grupo carioca que integrou de 1986 a 1989. Realizou o primeiro Festival de Palhaços da Paraíba, em 1983, e o II Encontro de Palhaços da Paraíba, aberto aos Mateus e Catirinas da região, em 1997. Entre outros prêmios, recebeu o Prêmio IBAC/MINC de Incentivo a Grupos Nacionais, pelo conjunto de seus trabalhos. Realizou cursos no Laboratório Internacional para Atores do Odin Teatret, na Dinamarca, em 1988 e 1989, e participou como ator dos filmes **Contagem Regressiva**, de Walter Salles Jr. e Daniela Thomas, e **Baile Perfumado**, de Paulo Caudas e Lirio Ferreira.

"O modo de produção de um grupo de teatro é uma alternativa real, em microcosmo, do modo de produção capitalista. Pretende eliminar da esfera de criação a linha de montagem representada pela definição rigorosa de atribuições no processo de produção do espetáculo. Em tese, um grupo de teatro não admite a preponderância deste ou daquele setor do espetáculo ou mesmo o monopólio de uma área por um único indivíduo.

Como resultado artístico, a obra é de autoria coletiva. Quem faz o texto, quem organiza a produção executiva ou quem sobe ao palco é sempre o intérprete. Intérprete no sentido original do termo, ou seja, aquele que interpreta o mundo através da arte. O grupo pode ser um globo de espelhos porque congrega, num único objeto, o espetáculo e o reflexo. Cada membro de um grupo emprega na confecção da obra a sua história e o seu desejo. O globo é coletivo e deve conter o sujeito e a sociedade."

Mariângela Alves de Lima, 1979.

A CULTURA DE GRUPO

O objetivo da mesa é discutir os grupos de criação teatral, que constituem uma forte tendência do teatro brasileiro na década de 70, e continuam a se desenvolver nos anos posteriores, com características distintas.

Abílio Tavares (Coordenação)

Diretor e ator formado pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Diretor do TUSP e dos Festivais de Teatro Universitário da USP. Participou como ator, entre outros, dos espetáculos **Leonce e Lena**, **Olha Pra Mim e me Ama** e **Ifigônia**. Dirigiu, entre outros, os espetáculos **Sarapalha** e **Outras Estórias**, **A Moratória** e **Prova de Fogo**. Organizou, juntamente com Jacó Guinsburg, a publicação pela Editora Perspectiva, das obras inéditas de Anatol Rosenfeld - 7 volumes.

Hugo Possolo

Palhaço, ator, diretor, dramaturgo, cenógrafo e figurinista, integrante do grupo **Parlapatões**, com quem atuou nos espetáculos **Parlapatões**, **Patifes e Paspalhões** (1991), **Sardanapalo**, **Nada de Novo**, **Bem debaixo do seu nariz**, **Zêroi** (1994). U Fabuliô, ppp@WilmShakspr.br*, de Jess Borgeson, Adam Long e Daniel Singer, sobre a obra completa de William Shakespeare (1998). Recebeu o prêmio APCA 1998 pelo projeto em homenagem ao palhaço Piolim, o prêmio Mambembe de cenografia em 1988.

Chico Pelúcio

Integrante do Grupo Galpão de Belo Horizonte, do qual foi coordenador geral de produção durante muitos anos. Atualmente coordena o Galpão Cine-Horto, novo projeto do Grupo de de Instalação de um centro cultural. Foi coordenador geral do 1º e 2º Festival Internacional de Teatro de Rua e do 1º FIT - Festival de Teatro - Palco e Rua de Belo Horizonte. Como ator participou dos espetáculos **Arlequim**, **Corra enquanto é tempo**, **Romeu e Julieta** e **Molière Imaginário** com o Grupo Galpão.

Amir Haddad

Diretor, ator e professor, criador do **Grupo Tá na Rua** (1980/1992), supervisor dos grupos **Alegria**, **Alegria**, **Hombu** e **Última Alternativa**, orientador dos grupos **Oficina** (1959/1960), **Teatro Universitário Carioca** (1965/1966), **Grupo Comunidade** (1968/1971), **Grupo de Niterói** (1974/1979) e das **Oficinas Teatrais da Fundação José Augusto**, do Rio Grande do Norte. Pedagogo convidado da Escola Internacional de Teatro Latino-americano e Caribe em Havana. Ator nos espetáculos **Deus** (1998), **Macbeth**, **Somma**, e diretor de vários espetáculos, entre os quais **Noite de Reis**, de W. Shakespeare (1997), **Navila de Vitória** (1997), **O Mercador de Veneza**, de W. Shakespeare (1996), **Tango**, de Mrozek, **Agamenon**, de Ésquilo, **Os filhos do silêncio**, de Mark Medoss, **O coronel de Macambira**, **Vagas para moças de fino trato**, **Felizberto do café**, **Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come**. (1998).

Carlos Alberto Soffredini

Dramaturgo e diretor, criador do Grupo de Teatro Mambembe e do Núcleo de Estética Teatral Popular. Autor das peças **O caso dessa tal de Mafalda**, que deu muito o que falar e que acabou como acabou, num dia de carnaval, **Vem buscar-me que ainda sou teu**, **Na carrêra do Divino**, **Mais quero asno que me carregue que cavalo que me derrube**, **Minha Nossa e Pássaro do poente**. Diretor dos espetáculos **Felizberto do café**, **de Gastão Tojero**, **Minha nossa e Na Carrêra do Divino**, e **Mais quero asno que me carregue...**, **A vida do grande Sancho Pança**, **de la Mancha** e **do gordo Sancho Pança**, **de Antonio José da Silva** e **A farsa de Inês Pereira**, de Gil Vicente, todos com o grupo Mambembe. Na televisão, escreveu casos especiais para a Rede Globo (**Aparecida e Hoje é dia de Maria**) e a novela **Brasileiras & Brasileiros**, para o SBT.

"A sua bonomia cênica, a malícia que lhe iluminava o olhar, o seu ar ao mesmo tempo simples e finório, despretenso e sabido, temperavam com várias dozes de esperteza nacional, que outros classificariam de malandragem, o que havia de ingênuo no hino de exaltação à inteligência escrito por Joracy. Procópio fazia descer a personagem do pedestal em que a peça às vezes a colocava, baixando-a ao nível, muito mais simpático, da comicidade brasileira tradicional, fundamentada sobre a cumplicidade constantemente tecida entre público e intérprete."

Décio de Almeida Prado, 1984.

O ATOR BRASILEIRO

O objetivo da mesa é discutir, dentro das várias possibilidades da atuação, as características que determinam a especificidade de uma interpretação brasileira.

Maria Lúcia Pereira (Coordenação)

Bacharel em letras e teatro, pós-graduada do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP, pesquisadora do IDART, crítica do jornal **O Estado de S. Paulo** e da revista **Bravo!**, diretora teatral, agente cultural com atuação na Secretaria Municipal de Cultura e no Serviço Social da Indústria (SESI), membro do corpo de jurados do prêmio Shell, da Comissão Municipal de Cultura e da APCA.

Eduardo Moreira

Ator e diretor, fundador e diretor artístico do Grupo Galpão. Participou como ator de vários espetáculos do grupo, como **Album de Família**, de Nelson Rodrigues e **Romeu e Julieta**, de Shakespeare. Dirigiu os espetáculos **Um Molière Imaginário** (Grupo Galpão - 1997) e **Saracoteios, Tateios e outros Maneios**, adaptação de **Bares de Quatro Contos**, do escritor espanhol Camilo José Cela.

Renato Borghi

Fundador do Teatro Oficina, ao lado de José Celso Martinez Correa. Vem desenvolvendo uma carreira ininterrupta como ator, na qual se destacam **Pequenos Burgueses** (1964), **O Rei da Vela** (1967), **A vida de Galileu** (1968), **O que mantém o homem vivo**, **O rei do Brasil**, **Calabar** (1980), **Édipo Rei** (1983), **Tio Vânia** (1998); autor das peças **Lobo de ray-ban**, **A senhora do camarim**.

Rosí Campos

Integrante do grupo Mambembe, na década de 70, participou como atriz de diversos espetáculos, entre os quais se destacam **A Farsa de Inês Pereira** (1977), **Besame Mucho** (1982), **Ubu - Folias Physicas, Pathaphysicas e Musicaes** (1985), **Você vai ver o que você vai ver** (1989).

EXERCÍCIO DE CENA POPULAR



O personagem interpretado por Luiz Carlos Vasconcelos, o palhaço Xuxu, existe há quinze anos. Surgiu e se desenvolveu em experimentações de rua, basicamente através de improvisos onde o material criativo era selecionado naturalmente, pela aceitação ou não do público.

Outras fontes de criação vieram da experiência do ator como aluno da Escola Nacional de Circo do Rio de Janeiro, onde aperfeiçoou as técnicas circenses de equilíbrio, monociclo e malabares, além de dedicar-se a experiências musicais, inicialmente com violino e posteriormente com o antigo fole alemão de oito baixos.

Xuxu é um palhaço que nos remete à infância, à memória da magia do circo e dos primeiros atores de rua.



TEATRO BRASILEIRO - 1968/1998:
30 ENCONTROS

ORGANIZAÇÃO

Abílio Tavares
Maria Thaís Lima Santos
Sílvia Fernandes

**COORDENAÇÃO DA SÉRIE TEATRO BRASILEIRO
1968/1998: 30 ENCONTROS**

Sílvia Fernandes

CONSULTORIA ARTÍSTICA

Maria Thaís Lima Santos

DIREÇÃO GERAL DO PROJETO

Abílio Tavares

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Maria do Carmo Bottino

RELAÇÕES PÚBLICAS E ASSESSORIA DE IMPRENSA

Valéria Castro

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Nilse Silva

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

Carolina Badra

APOIO ADMINISTRATIVO

Rita de Cássia Silva
Samy

APOIO SECRETARIA

Humberto Rodrigues

APOIO OPERACIONAL

Antônio Martins
Ednaldo Barbosa

CENOTECNIA

Paulo Rosa

PROJETO GRÁFICO

SKR Design

Agradecemos o inestimável apoio da coordenação e de toda a equipe do Centro Universitário Maria Antônia e da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP



REALIZAÇÃO



TUSP



PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

TUSP - Centro Universitário Maria Antonia - R. Maria Antonia, 294
São Paulo - SP CEP xxxxx-xxx Fones: (011) 255 7187 - 255 5538 ramais: 17 ou 22

USP